

## ALGUNS ASPECTOS NA ANATOMIA DO AMOR

Queridíssimos amigos aqui presentes, abençoados sejam vocês em todo o seu ser, abençoado seja o seu caminho, abençoados sejam os seus esforços para crescer e lutar e encontrar a verdade interior. O amor do universo permeia tudo que existe. Ele está sempre disponível, está sempre aqui, mas muitas vezes vocês não o percebem porque dão uma falsa direção ao seu pensamento e foco. Quando vocês lutam no seu caminho, deparam-se com muitos conflitos e confusões e complicados labirintos mentais. Mas quando vocês percorrem o caminho por movimentos espirais cada vez mais estreitos, as questões ficam muito mais simples. E no núcleo mais profundo do seu ser a questão é o amor. O amor é a chave de tudo. O amor é o remédio que cura todas as doenças e todas as mágoas.

Na palestra de hoje, vamos falar sobre aspectos do amor. E podemos falar apenas de aspectos. Seria totalmente impossível tratar desse tópico em uma vida inteira, mesmo que falássemos todas as horas do dia. Ele é muito profundo, seu alcance é muito longo. Portanto, vamos discutir os aspectos do amor de que vocês, meus amigos, mais precisam a esta altura do seu caminho.

O caminho, como um todo, contém determinadas fases que são importantes para a maioria das pessoas. É por isso que meus amigos acham tantas vezes que uma determinada palestra se aplica especificamente a eles. Alguns dos meus amigos talvez descubram um pouco mais tarde o significado mais profundo, a ajuda maior e mais dinâmica. Mas em geral esse tema é do que vocês precisam agora.

No mundo de vocês há muita discussão sobre o que é exatamente o amor. Para muitos, é basicamente um sentimento. O que é na realidade? É uma força, é um sentimento, é uma emoção? Pois bem, eu digo a vocês meus amigos, é tudo isso e mais ainda. Vamos falar da estrutura fundamental da personalidade do ser humano em termos de razão, vontade e emoção, e aplicar o amor a essas funções. Nesse exemplo vocês vão ver que o amor é literalmente tudo.

É evidente que o amor é um sentimento, mas não é tão evidente que esse sentimento resulte necessariamente de um ato de vontade motivado pela inteligência. Portanto, o amor sem dúvida é inteligência. Se vocês considerarem realmente qualquer questão de uma maneira profunda e ampla, com todo o alcance que merece ser dado a qualquer questão, vocês vão chegar à conclusão de que odiar é uma ignorância, por mais justificado que isso possa parecer. É falta de inteligência. Naturalmente, existem muitas formas de ódio que jamais são admitidas pelo que são. Também existem graus. A falta de amor pode manifestar-se simplesmente como separação, desesperança, falta de fé, depressão, uma visão triste do universo, medo, sensação de ser vítima. E pode manifestar-se como ressentimento, atribuição de culpas, hostilidade e ódio patente, com as muitas gradações intermediárias do espectro.

O amor é sem dúvida pura inteligência e razão. Quanto mais profundo for o entendimento da situação atual, mais longe vai a visão, mais a pessoa está na posse da verdade sobre a questão, menor será a possibilidade do ódio toldar a verdade, e mais o amor crescerá.

Sentir a emoção do amor é impossível sem a vontade de passar para o estado amoroso. Se vocês não quiserem amar, se não expressarem propositadamente o desejo de amar (isto é, de entender plenamente), se não tiverem a intenção de amar, vocês não vão amar. Vocês jamais serão capazes de sentir amor, e muitas vezes vão se perguntar qual a razão dessa incapacidade. Às vezes a vontade de amar estimula a vontade de entender plenamente, e por consequência do entendimento nasce o amor. Outras vezes, o entendimento ocorre primeiro e resulta na vontade de amar. De qualquer forma, o sentimento do amor não pode existir sem inteligência e intencionalidade ou, dito de outra forma, a emoção segue a razão e a vontade.

Se vocês acreditarem equivocadamente que amar é perder, ou que amar é se empobrecer, ou que amar é levar a pior, ou que amar significa ser fraco, submisso, fraco de caráter, essas ideias refletem falta de razão, falta de inteligência que impedem a sua vontade para amar.

O amor também é muito mais que razão, vontade e emoção. É uma sensação em todos os níveis do ser. Isso é fácil de se comprovar, basta dar um pouco de atenção às suas reações. Quando vocês estão em estado de amor, vocês veem de maneira diferente, vocês ouvem de maneira diferente, sentem um gosto diferente. A vida à sua volta tem um sabor totalmente diferente. Vocês percebem e experimentam tudo que acontece de um modo muito diferente. Vocês sentem e tocam diferentemente.

Quando não estão em estado de amor, os seus sentidos matizam as experiências que vocês acham indesejáveis. Elas vão parecer injustificadas. Sem dúvida, a inteligência, em qualquer grau, que for aplicada à situação criará razões para justificar a realidade que vocês querem perceber. Em outras palavras, as suas percepções não amorosas vão parecer absolutamente corretas. Meus amigos, questionem isso. No estado não amoroso, o que percebem é apenas uma verdade muito limitada. De fato, é tão limitada que a sua percepção não é confiável. Vocês percebem apenas fragmentos ou aspectos isolados da verdade da situação ou da experiência de vida daquele momento.

Quando vocês estão em estado de amor, as funções corporais atuam de maneira muito diferente. A respiração é diferente, o coração e sua pulsação são diferentes. A corrente sanguínea funciona de uma maneira diferente de quando vocês estão em estado de ódio, estejam ou não cientes do ódio. Quando amam, vocês conservam a saúde. A falta de saúde não é necessariamente uma consequência direta do ódio. No entanto, ela pode ser um subproduto necessário da luta de vocês para encontrar a saída do clima de ódio e medo e entrar no clima de amor e confiança. Pois existe sempre a luta interior, quer vocês saibam dela ou não.

Há muitas outras experiências, percepções, percepções sensoriais, sensações (algumas que vocês nem mesmo sabem que existem) que são indicações do amor, expressões do amor, influenciadas e determinadas pelo amor. Elas mostram se vocês estão em um estado de consciência já iluminado pelo amor ou ainda não iluminado, defensivo, com ódio e medo.

Portanto, o amor é tudo. Assim, passamos agora ao aspecto muito importante de amar a si mesmo. O amor por si mesmo e o amor pelos outros são sentimentos profundamente interligados.

Quero repetir agora uma afirmação que já fiz muitas vezes. Vocês não podem amar a si mesmos se não amarem os outros, e não podem amar os outros se não amarem a si mesmos. Inversamente, se odiarem a si mesmos, vocês odiarão os outros. Vocês podem não estar cientes dessa correlação e do processo inconsciente que faz com que neguem o ódio por si mesmos e assim, precisem odiar os outros.

A luta interior para descobrir a capacidade de amar a si mesmo é incessante. Nessa luta, a humanidade fica confusa por causa do estado dualista da mente. É extremamente importante vocês entenderem essa confusão. A confusão é: se vocês amam a si mesmos, tudo é permitido a vocês? Vocês seguem a linha da menor resistência? Preferem culpar os outros a olhar com honestidade o eu inferior? Amar a si mesmo significa dar rédea solta às aspirações do eu inferior e do eu máscara? Por outro lado, a necessidade, neste caminho, de encarar a verdade do eu inferior e seus subterfúgios e enganos e disfarces significa que vocês tenham de expressar e viver esse ódio por si mesmos incorporado nesse aspecto da personalidade?

Essa é uma luta muito profunda e trágica de toda a humanidade. É trágica, por um lado, porque esconder-se dela, negá-la, faz com que ela se torne muito mais dolorosa e prolongada do que seria necessário. Mas, por outro lado, essa luta também é bonita. Vocês começam a sentir sua beleza quando se permitem ter consciência dela, dessa confusão, e portanto pela primeira vez pisam em território realmente seguro. A segurança reside no fato de vocês, pela primeira vez, admitirem essa luta, na sua consciência dessa luta. Quando não estão conscientes, vocês buscam a falsa solução do amor por si mesmo que significa, por um lado, ser leniente consigo e por outro lado, culpar os outros.

Vocês todos sabem como, ao longo do caminho, esse jogo parece tentador e como, na realidade, ele é insatisfatório, restritivo, limitador. Ele faz com que vocês oscilem constantemente, da maneira mais dolorosa, entre acusar os outros e abrigar sentimentos mórbidos de autorrecriação e culpa. As acusações nunca chegam a efetivamente convencê-los já que, por mais exatas que algumas delas sejam, vocês sofrem devido à incerteza proveniente do fato de se esconderem de si mesmos. Assim, é impossível amarem e gostarem de si mesmos num plano realmente consciente. Vocês oscilam entre o ódio consciente pelo eu e o ódio pelos outros, situação que provoca muito sofrimento, que não precisam suportar, desde que encontrem a saída desse labirinto através da ajuda que posso lhes dar aqui.

A maioria de vocês já constatou esse estado de oscilação entre o ódio por si mesmo e o ódio ocasional pelos outros. Agora resta descobrir em que áreas do eu interior vocês continuam vivendo a pseudossolução do amor por si mesmo que representa leniência com o eu, atribuição de culpa aos outros, desculpas e justificativas para as características do eu inferior, e acusações ainda mais graves aos outros. A visão que vocês têm de si mesmos e dos outros, assim, é sempre um pouco distorcida. Vocês vivem num tumulto interior devido às tentativas frenéticas de ocultar o ódio que sentem por si mesmos. Quanto mais fazem isso, mais a parte equivocada de vocês acredita que esse é o meio de alcançar o amor próprio, a autoestima. Vocês terão uma consciência verdadeira, nítida, clara e sem culpa das falhas dos outros, sem que vocês estejam, com isso, cometendo um erro interior, quando abandonarem essa falsa solução. Essa consciência virá quando vocês se esforçarem arduamente para encontrar um equilíbrio verdadeiro entre encarar o eu inferior com honestidade e – não apesar dessa descoberta, mas por causa dela – amar e respeitar mais a si mesmos.

A tragédia da pseudossolução do ódio por si mesmo é que, enquanto vocês lançarem mão dela, ficarão ainda mais distanciados do verdadeiro amor e autoestima. Portanto, é absolutamente necessário, se vocês quiserem encontrar o verdadeiro caminho para amar a si mesmos, admitir que vocês carecem desse equilíbrio, que estão no caminho errado com relação a encontrar seus verdadeiros valores eternos divinos, que vocês estão recorrendo a falsos meios para tentar eliminar o ódio por si mesmos. No momento em que conseguirem fazer essa admissão, vocês poderão abrir o coração e a mente a todos os seus verdadeiros valores, que já existem. Poderão começar a reconhecer a si mesmos sem oclusões e justificativas; e, o que é mais importante, poderão se abrir para a inspiração interior que vai guiá-los para saber como experimentar o eu inferior sem afundar no ódio por si mesmos. Nesse momento, vocês vão ver claramente que, quanto mais agirem dessa forma, mais poderão de fato amar e respeitar a si mesmos.

Pois bem, quando vocês amarem verdadeiramente a si mesmos, sem ceder ao eu inferior e suas exigências infantis, vocês vão descobrir que ser firme consigo mesmos é uma expressão do amor, tanto quanto a ternura o é. Se vocês conseguirem ser firmes consigo mesmos, ao contrário da autodestruição e da autodesvalorização onde o amor está totalmente ausente, vocês também conseguirão ser ternos consigo mesmos. Vai surgir claramente um bonito equilíbrio: a autodisciplina, a rigorosa honestidade com o eu, a firmeza com o desejo de manifestação do eu inferior vão dar origem a respeito por si mesmo, ternura, profunda valorização do eu. A distorção desse equilíbrio ocorre quando a leniência com o eu existe à custa dos outros e de um lancinante ódio por si mesmo. Essa distorção, para início de conversa, não é consciente e precisa ser percebida por meio de suas manifestações indiretas.

É somente quando vocês procuram atingir o equilíbrio certo, pouco a pouco, que podem ser receptivos à sua própria divindade, para finalmente fundir-se com ela, encontrar nela a sua identidade. Na meditação do tipo mais profundo vocês derramam um terno amor sobre todos os aspectos da sua manifestação, todos os órgãos que vocês deixam de amar, todas as atitudes, por mais distorcidas que sejam. Assim que vocês encararem esses elementos em sua verdade, poderão descobrir a divindade que está por trás deles. Mas isso só é efetivamente possível quando vocês deixam de desculpar, ocultar, negar, racionalizar, projetar e odiar os outros, para não precisarem sentir o ódio que têm por si mesmos.

Essa situação específica é a prisão onde vocês sofrem. Vocês estão realmente sufocados nessa prisão, e buscam uma maneira de sair dela. Durante a maior parte da evolução de uma entidade, a busca da saída dessa prisão não é consciente na mente manifesta. Quando a entidade assume um compromisso com um caminho intenso, como este, e o percorre até o fim, sistematicamente, essa percepção aflora à consciência. Da primeira vez que surge, essa crescente percepção ainda não é reconhecida como a situação interior que sempre predominou. Tampouco existe a percepção de que vocês estão prestes a eliminá-la, na medida em que seguem corajosamente em frente. Muitas vezes se acredita que o caminho “exterior”, a orientação particular deste caminho, “cria” esse ódio crescente por si mesmo. Naturalmente, na verdade ele não está crescendo; é apenas a percepção dele que está aumentando, mas do ponto de vista da pessoa que ainda se encontra aprisionada, parece desta forma. Às vezes, esse equívoco gera medo e raiva em relação a este caminho, e ressurge a velha ilusão de que os sentimentos dolorosos de autorrejeição têm origem em algo ou alguém, mas fora do eu. Nesses casos, pode haver um anseio pela velha pseudossolução, mesmo que seja na forma de colocar um fim nas dúvidas sobre o eu, adotando-se uma abordagem “positiva” e unilateral.

No entanto, se essa etapa crucial do caminho for superada e a tentação de fugir for claramente reconhecida como tal, a consciência dessa luta já constitui uma libertação. Mas enquanto vocês tiverem a impressão de que a falta de liberdade é imposta a vocês por outros fatores, pessoas ou situações, a luta será em vão, e só contribuirá para apertar ainda mais a corrente que os prende.

Chegamos agora a outro aspecto desse problema, que discuti recentemente com um grupo menor. Eu disse naquela ocasião que esse novo aspecto é um passo importante do caminho para todos vocês agora e que precisará ser examinado de maneira mais completa. A maioria de vocês precisa entender o que vou dizer agora. A busca da libertação e o anseio por liberdade são temas que já discutimos sob muitos aspectos. Quando se rebelam contra figuras de autoridade, vocês acreditam que essa rebeldia vai levá-los à liberdade. Quando protestam, indignados, contra todas as frustrações que a vida lhes apresenta, vocês acreditam que, se não fossem essas frustrações, vocês seriam realmente livres. Assim, ficam furiosos com o que, segundo acreditam, é imposto a vocês pelas autoridades, pelas frustrações.

Eu gostaria agora de lançar luz sobre uma reação relacionada e similar, ou seja, a rebeldia inata de vocês contra limites ou estrutura, contra qualquer coisa que vocês sintam como restritiva. Afirmo a vocês, meus amigos, estrutura e limites fazem parte da criação amorosa. Eles existem em todas as facetas da realidade, de uma forma ou de outra. Se não houvesse lei nem limites, o mundo se desintegraria e se transformaria em caos e destruição. O que mantém os planetas no lugar e impede que eles se choquem uns contra os outros? É a lei, são os limites e a estrutura. Não pode haver organização no universo, pequeno ou grande, planetário ou minúsculo, não pode haver comunidade de entidades vivas sem estrutura, lei, limites que podem parecer restringir algumas pessoas em algumas ocasiões. Pelo menos a princípio, pode dar essa impressão. Na realidade não é isso o que acontece.

Será da maior importância, meus amigos, descobrir por que vocês ficam tão zangados com essa realidade. Por que vocês são desconfiados a ponto de dificilmente lhes ocorrer aventar a possibilidade de que as leis, os limites, a estrutura, as regras – deem a isso o nome que quiserem – são prove-nientes da verdade e do amor, e não da hostilidade e do desejo de frustrá-los? Além das suas experiências na infância, ou da interpretação que vocês dão a elas, a verdadeira razão é que vocês desconfiam do tirano que é o eu inferior, que quer reinar de maneira egoísta e cruel. Ao esconder esse aspecto, vocês o projetam no exterior, e assim supõem que todas as regras e leis, todas as restrições e limites nascem da falta de amor. Quando vocês identificam amor com leniência e frustração com ódio, vocês estão em confusão constante, distorcem a realidade, e não enxergam a magnificência da criação.

Encontramos estrutura e lei em todos os aspectos amorosos da criação. Vejam a vida dos animais – dos pássaros ou formigas, por exemplo. Os animais que vivem em liberdade obedecem à estrutura da mais elevada criação com dignidade, com despreocupação, com ternura. Eles aceitam a estrutura, e vivem e se expandem nessa estrutura com muita liberdade. É uma expressão peculiar ao homem, que tem a ver com sua evolução e com o ritmo do aumento de sua consciência, por um lado, e igualmente com os impulsos do seu eu inferior, por outro, essa raivosa rebeldia contra a estrutura, que ele interpreta como uma manifestação de hostilidade contra ele.

É claro que existem limites, leis e regras no mundo de vocês, na condição humana, que são uma expressão direta da limitação da própria consciência do homem: por exemplo, o conflito que abordamos anteriormente, que provém do uso de falsos meios de satisfazer o impulso de amar a si

mesmo, e igualmente dos falsos meios de satisfazer o impulso de ser livre. Pois liberdade e amor são condições inseparáveis. Vocês não podem ser livres sem amar, e não podem amar sem serem livres. Portanto, quando vocês não amam, não são livres; encontram-se na prisão do conflito que mencionei anteriormente. Vocês se agastam com essa prisão, essa falta de liberdade. A sua vida é cheia de frustrações, muitas delas interiores, enquanto outras também se manifestam como criações exteriores. Evidentemente, essas imposições e restrições não são necessárias no sentido estrito da palavra. Não são uma parte intrínseca da criação em sua realidade divina. São obstáculos que vocês mesmos, sem querer, colocam no seu caminho. Pertencem a uma categoria diferente das leis que consolidam a vida. No entanto, a rebeldia e as reações de indignação contra as restrições, além de serem dirigidas contra um alvo errado, também aumentam a frustração e as restrições, devido à reação inadequada de vocês. Portanto, vocês precisam começar a reagir de outra forma.

Primeiro, vocês precisam distinguir duas espécies de limites: aqueles que são amorosos e significativos (sejam cósmicos ou humanos) e aqueles criados por vocês mesmos, por causa de erros ou percepções equivocadas. Quando vocês reconhecerem nitidamente os dois tipos, será muito mais fácil reeducar a criança teimosa e tirânica, e vocês conseguirão aceitar amorosamente as duas espécies de limites: a primeira, por reconhecer seu sentido intrínseco, a outra por admitir que foi criada por suas próprias limitações, passadas e mesmo presentes. Vocês podem usar ambas para melhor entenderem a si mesmos e as leis universais. Assim, a aceitação dos limites criados por vocês mesmos permitirá que eles sejam transcendidos da maneira mais consciente. Em breve a frustração se transformará em uma nova porta para a liberdade. O que a princípio parecia ser uma restrição em pouco tempo se transformará em uma oportunidade de crescer e ficar mais livre.

Muitas vezes vocês se rebelam contra sua própria estrutura rígida, a estrutura das suas falsas necessidades. A necessidade de ter seus desejos sempre atendidos, por exemplo. Também nesse caso a luta de vocês contra essa situação só vai contribuir para apertar ainda mais a rede. Somente quando vocês deixarem de se revoltar e abrirem a mente e os sensores interiores, para poderem entender a verdadeira natureza da luta, é que verão o que de fato significa a sua estrutura rígida. Se vocês aceitarem temporariamente a estrutura que vocês mesmos criaram, com sua lógica interna e suas leis, vocês poderão deixá-la para trás, poderão superá-la, poderão de fato optar.

Vocês constantemente deixam de ver a enorme liberdade representada pela opção que vocês têm quanto à maneira de pensar, interpretar, reagir em qualquer situação. Vocês não percebem que essa possibilidade de escolher representa o poder de criar e modificar situações. Em vez disso, vocês se ocupam exigindo que os outros proporcionem a vocês as situações que deixaram de criar, por terem feito escolhas de matéria-pensamento diferente.

É fundamental que vocês entendam esses conceitos, meus queridos. Pois, com muita frequência, vocês prosseguem nessa luta desnecessária. Quanto mais vocês se revoltarem contra o que não exige rebeldia, e deixarem de ver o que está dentro de vocês e que é a verdadeira razão das restrições, tanto menos vocês encontrarão o amor por si mesmos, em sua verdadeira forma, e a liberação que, por natureza, vocês anseiam.

Quando vocês aceitarem a estrutura estreita e a virem como ela é – um produto do seu pensamento limitado – a sua esfera de liberdade se ampliará. Mas ela não se amplia por meio da revolta contra os necessários limites externos, contra o que parece ser uma restrição. A liberdade provém do reconhecimento inteligente da estrutura e de sua aceitação, por livre escolha. Essa escolha não é feita

por medo e fragilidade, por dependência e submissão; tampouco é uma rebeldia do tirano interior, que despreza a razão e a sabedoria. Ela é feita por causa da vontade de enxergar a verdade e o sentido e aceitar amorosamente, com base nisso, a estrutura estreita do presente, mesmo que a princípio ela pareça representar uma restrição dos desejos pessoais. Esse é o ato de amor e liberdade. As duas primeiras alternativas, evidentemente, correspondem à falta de amor e à falta de liberdade. Não são escolhas propositadas, e sim reações cegas e automáticas, e contêm a semente do ódio, da desconfiança, da suspeita, das exigências egoístas, da hostilidade à verdade.

Chegará o momento em que vocês descobrirão que as restrições exteriores à sua liberdade começarão a diminuir sistematicamente. Sem acessos infantis de raiva e rebeldia irracional, vocês conseguirão eliminar essas restrições. Para alcançar essa esfera cada vez maior de liberdade, é necessário primeiramente constatar que, muitas vezes, vocês reagem de uma maneira totalmente inadequada. Em seguida, vocês podem desenvolver uma reação consciente ao invés de uma reação cega. Essa busca intencional, consciente, inquisitiva, objetiva, profundamente honesta da verdade específica daquela situação específica terá como consequência imediata dar a vocês a autoestima que jamais surgirá se vocês continuarem no caminho da teimosia cega, da fúria acusatória quando as exigências do eu não são satisfeitas. A abertura da mente e do coração permite a vocês amar e ser livres, ser verdadeiros, e assim ter confiança e respeito por si mesmos. Nesse momento, vocês verão quais limites, restrições e regras têm sentido e quais não têm. Vocês criarão as condições que tornam as restrições sem sentido desnecessárias, e poderão, com ternura e amor, aceitar as restrições que tiverem sentido. Vocês vão aceitá-las, mesmo quando isso aparentemente impuser a vocês, a princípio, uma desvantagem passageira. Vocês podem cultivar essa mentalidade aberta e inteligente, que será muito mais fácil de atingir do que vocês pensam, bastando para isso ampliar a consciência e admitir essa possibilidade.

Liberdade não significa o que o bebê imagina: absolutamente nenhum limite, seguindo sempre a linha de menor resistência. Essa é a maior escravidão imaginável. Nada poderia ser mais diferente da liberdade. Com essa atitude, vocês dependem constantemente de algo que não pode ser, por mais que vocês tentem forçar, manipular, bajular. Vocês se tornam escravos da irreidade, são derrotados pela realidade.

Sugiro a todos vocês, meus queridos amigos, uma pequena tarefa que vocês podem incorporar às auto-observações e à revisão diária. Quando vocês se rebelarem, não importa como tentarem explicar e justificar, esqueçam por um momento a questão e os prós e contras, e em vez disso se concentrem nos seus sentimentos. Vocês estão sentindo revolta? Estão reagindo cegamente? Estão admitindo a possibilidade de alguma outra hipótese? Qual é o seu estado de espírito? Fazendo essas perguntas, vocês vão obter as respostas mais claras, e serão capazes de determinar prontamente: o estado de vocês é de amor ou de ódio? Vocês podem também perguntar, comparar e pensar como realmente se sentem quando estão num estado de amor, e quais as diferenças entre esse estado e o estado de rebeldia, de cegueira em que se encontram naquele momento.

Quando o estado é de amor, vocês não se submetem. Submissão, em termos desse tópico, é o preço que vocês querem pagar pela esperança de conseguirem amar a si mesmos através dos outros ou por meio de uma autoridade bondosa que vocês querem agradar, para que ela lhes proporcione uma vida de desejos satisfeitos sem restrições. Por essa meta impossível, vocês sacrificam a liberdade e a integridade, e depois culpam o mundo exterior pelo resultado. Vocês ocultam os verdadeiros

motivos da submissão, fingindo que agem assim porque são inocentes e bons, e seu único problema é que ainda não aprenderam a se rebelar e a odiar.

Quando o estado é de amor e liberdade, vocês investigam e ponderam, com a mente totalmente aberta, e depois escolhem com base na verdade que forem capazes, dessa forma, de entender. A escolha é um ato totalmente voluntário. Vocês podem querer optar pela aceitação de uma determinada restrição à sua liberdade. Com esse estado de espírito, a escolha será um ato totalmente diferente da submissão. Ela tornará vocês mais fortes, mais livres, com mais amor por si mesmos e pelos outros, e abertos quanto à situação relativa ao problema em questão. Ou vocês podem rejeitar a restrição, de uma maneira clara, sábia e inteligente, entendendo o significado profundo dessa escolha. Isso não é nunca a mesma coisa que a rebeldia cega, com a falsa espécie de liberdade, mas sim um ato tão criativo como a aceitação da restrição em outras circunstâncias.

Todos vocês estão ingressando em novos estados de consciência nos quais essas velhas reações cegas já não têm lugar. Antigamente, quando elas eram menos obsoletas e portanto menos discrepantes, vocês não se sentiriam desconfortáveis como necessariamente se sentem agora nas ocasiões em que, cegamente, adotam, por causa dos velhos hábitos, reações a si mesmos e ao seu ambiente que não condizem mais com o estado do seu desenvolvimento. No estado em que se encontram, vocês não precisam mais continuar odiando a si mesmos por não serem sempre perfeitos. Vocês já podem de fato encarar aspectos do eu inferior e gostar mais de si mesmos. Já não precisam revoltar-se cegamente contra os outros e odiá-los quando eles fazem algo que parece ser desvantajoso naquele momento para vocês ou que não é o que desejavam. Vocês não estão mais no estado em que não conseguem aguentar um pouco de frustração. Pelo contrário, já estão numa etapa em que uma pequena frustração pode transformar-se no limiar da liberdade e da expansão. Pensem nisso, meus amigos. Abandonem as reações rígidas, habituais, em muitas, muitas áreas.

E agora, antes de encerrar, eu gostaria de falar sobre o estado de amor crescente em vocês que, como resultado do trabalho do caminho, vocês fatalmente vão encontrar e que precisam compreender. Naturalmente, ocorre cada vez mais uma abertura que vem de dentro, quando o coração começa a pulsar de amor – pelas pessoas que os rodeiam, pela criação, pela beleza da criação. Nesse estado, vocês sentem um intenso prazer que permeia todo o ser. Quando o amor por si mesmo ainda não está plenamente consolidado, nesses momentos vocês se contraem, temerosos, julgando que não conseguirão suportar esse estado de amorosidade, pois ele é por demais arrebatador. No seu íntimo, a pequenina voz do ódio a si mesmos continua dizendo que vocês não são merecedores. E involuntariamente vocês se fecham contra esse estado, numa reação espontânea no nível exterior. Nessas idas e vindas da alma, vocês sentem cada vez mais a difusão do amor do universo, mas enquanto o amor por si mesmos ainda não se solidificou, podem surgir determinados tipos de medo. Medo da morte, medo da doença, medo de perder o que lhes é mais caro. Nesse caso, é possível que vocês tornem a cair no velho estado cinzento, insípido, para se sentirem mais seguros e menos temerosos das perdas.

É muito importante, meus amigos, que vocês reconheçam a verdadeira natureza dessas manifestações. Se vocês não amam a si mesmos e, portanto, odeiam os outros para negar o ódio que sentem por si mesmos, se vocês se revoltam contra os outros e querem uma liberdade falsa e impossível, a experiência do amor mais profundo pelo universo e por meio dele será intolerável e gerará um falso medo. Como eu já disse anteriormente, vocês podem sentir manifestações físicas. A mesma síndrome pode manifestar-se de diversas maneiras na vida de uma pessoa. Seja o que for, terá a apa-



rência de um impulso renovado de autodestruição, nesse período intermediário em que já cresceu a capacidade de amar, sentir e perceber, mas subsistem vestígios de ódio por si mesmo, porque ainda existe a vontade de se esconder.

Quero sugerir uma meditação muito específica, pedindo pelas forças mais elevadas dentro e em volta de vocês exatamente nas áreas que foram discutidas nesta palestra. Em que aspectos e como vocês odeiam a si mesmos? Em que aspectos e como vocês projetam esse ódio nos outros e assim o intensificam? Em que aspectos, grandes e pequenos, vocês impedem a sua liberdade, mediante a recusa infantil dos limites e da estrutura, das leis e das regras, em pequenas ou grandes áreas? Em que aspectos vocês se julgam, no íntimo, sem valor? Em que aspectos vocês amam a sua alma, a sua mente, o seu corpo? Façam profundamente a meditação em que se permitem saber que vocês são divinos, que precisam encarar a si mesmos em todos os aspectos e aumentar o senso de divindade. Deixem a sua consciência alinhar-se com a vontade divina de amar a si mesmos; amar a si mesmos sem autoleniência, sem encobrir os defeitos do eu inferior; enxergando-o como ele é; amando a sua bonita estrutura, a sua encarnação, tudo que está à sua volta, mesmo aquilo que parece, de alguma maneira, representar uma restrição. Reconheçam essa lição e comecem a amá-la. Essa é a mensagem desta noite.

Abençoo todos vocês com a luz dourada de Cristo, com o poder eterno do amor, da verdade e da beleza. Que vocês se envolvam, respirem, conheçam e vivam esse poder.

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode somente ser impressa para uso estritamente pessoal. De acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitido sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.